

# Riscos e anteparos

**Ida do general Braga Neto para a Casa Civil mostra movimento calculado de Jair Bolsonaro para frear avanço político do ministro Sergio Moro. Disputa interna pode ter consequências sobre a queda de homicídios neste ano**

A semana passada foi marcada pelas divulgações dos números do [Monitor da Violência](#) - parceria do site *G1* com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e com o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo - e do [Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias](#) (Infopen) de 2019. A seção "Tema da Semana" deste *Fonte Segura* explora nesta edição ambos os assuntos e destaca alguns riscos embutidos na forma como segurança e prisões estão sendo debatidas no país.

Além das divulgações de novos números, o episódio da morte do ex-capitão da PMERJ, Adriano da Nóbrega, acusado de ser um dos líderes da principal milícia do Rio de Janeiro, [tomou rumos incertos e a discussão foi abduzida pelo confronto eleitoral](#). Entre acusações mútuas, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e o governador da Bahia, Rui Costa (PT), iniciaram uma escalada retórica que se afasta das evidências e provas técnicas e buscam, cada um ao seu modo, marcar posições políticas.

Porém, para além desses temas específicos, as análises desta edição do *Fonte Segura* detectaram um deslocamento acentuado do ministro Sergio Moro da posição técnica para a de protagonista político. Na semana que passou, Moro entrou de cabeça na política, com um tom mais agressivo do que o usual.

Ao observar a coletiva de imprensa convocada para divulgar os dados prisionais, nota-se que o discurso do ministro já está calibrado para o enfrentamento narrativo, uma vez que Moro buscou não ficar na defensiva, num tentativa de evitar pautar os críticos de sua gestão com os números apresentados.

Em termos de riscos, vale considerar que esta nova postura pode provocar o aumento de tensões com o Congresso e, até mesmo, o crescimento de suas taxas de rejeição. Se até o momento o ministro conta com um grande apoio popular, a polarização acentuada tende a forçar o posicionamento da população e, em termos concretos, ainda é cedo para se saber os impactos eleitorais de tais movimentos e/ou as consequências na percepção das pessoas.

É provável que o ministro esteja calculando os benefícios de reduzir as tensões de bastidor com o grupo palaciano. Afinal, emulando a tática dos militares, que têm vedações legais para manifestar suas opiniões pessoais, [a entrevista de Rosângela Moro](#), esposa do ministro, mostra-nos que, objetivamente, o ministro busca por ora simbiose total com Bolsonaro, sem maiores discordâncias ideológicas e de método discursivo.

Se isso lhe permitiria manter o protagonismo político e o controle da pauta sobre segurança pública, já que o combate à corrupção ficou em segundo plano, o movimento pode significar enfraquecimento de demandas, colocando em risco a continuidade dos temas ligados ao Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Como sinal deste enfraquecimento, a ida do General Braga Neto, que foi o Interventor Federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro em 2018, para a Casa Civil da Presidência da República serve de anteparo de contenção para que o discurso da segurança pública não fique circunscrito apenas ao ministro Sergio Moro e seja compartilhado por mais pessoas no governo. Ou seja, essa é uma agenda estratégica da administração Bolsonaro como um todo, e não apenas do Ministério da Justiça e da Segurança Pública.

O problema, para o *Fonte Segura*, é de que a disputa interna de protagonismo não enfraqueça as ações que estão sendo construídas para manter e consolidar a tendência de redução da violência iniciada em 2018. Importante destacar que alertas já foram acesos, com 1/3 dos estados indicando retomada dos crimes. 2020 não será um ano calmo para a segurança pública.

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/editorial/template-1-editorial-utgfh-8pvmm-inbv9-8tbin>

